

A Voz e a Palavra

Eu ouço este texto. Nas suas múltiplas errâncias Sérgio Veiga contou-me esta história mesmo antes de a escrever. Agora, ao ler o livro foi a voz de Sérgio que me surgiu. E se sobrepôs à leitura. Sérgio confessou-me: esta narrativa surgiu-lhe por visitação nos longos poentes que ele, caçador na emboscada da penumbra, viu incendiar na savana africana. A história o ocupou de tal modo que ele nem sequer pensava em escrevê-la. Não sou um homem das letras, dizia-me. Se houvesse que pintar a história ele o faria, sem hesitação. Mas escrever era coisa que estava para além das mil aventuras e das mil vidas que já ousara empreender.

Assim como eu ia escutando a história, Sérgio via os personagens e pintava a paisagem que para eles ia construindo. Sentados nesta imensa varanda sobre o Índico, Sérgio me falava de visões, de visitas dos personagens e eu o encorajava a colocar tudo em papel. Faz como se pintasses, era o que lhe dizia. Como se a palavra fosse feita de desenho e cor dos tantos quadros que ele já criara. E o fizesse sem pretensão literária, com o propósito simples de anunciar: eis uma história. Esta que é minha e só eu posso contar. Afinal, ter uma história para contar é bem mais importante que essa preocupação de “escrever bem”. Nisso acertámos ambos, ele, o contador, e eu, o ouvidor.

E foram muitas as horas em que Sérgio Veiga se sentou e relatou os novos episódios desse tear a que ele chamou *O Quente Aconchego da Mãe Negra*. Aos poucos, Sérgio se foi convertendo

numa espécie de meu *griot** particular, e eu via nele essa rara sapiência dos velhos contadores de histórias de Moçambique. Como eles Sérgio emergia da oralidade. Diferentemente, porém, a sua palavra andava à cata da escrita. Com o mesmo instinto de caçador, Sérgio trilhou carreirinhos da sua alma até a palavra surpreender o papel. E surpreendê-lo a si mesmo. Assim, lhe aconteceu este livro, com uma sedução de presa e predador, no jogo de revelações e ocultações que é comum aos escritores e caçadores.

O Quente Aconchego da Mãe Negra é, afinal, uma das infinitas versões da impossível autobiografia deste homem que é pescador, caçador, pintor, viajante, marinheiro, ambientalista, produtor de documentários televisivos, operador de câmara, mergulhador.

O principal personagem do livro é, afinal, o próprio autor. Um homem que tem histórias para contar porque as viveu. Ele não fala sobre gente. Ele foi toda essa gente. Homem do mato, dos bichos, da gente camponesa, europeu-africano que cruzou dentro de si as fronteiras, as fugidias identidades da raça, da nacionalidade, da religião. E é desse vagabundear de identidades que, afinal, este livro trata. E é por isso que a voz do livro se antecipa à palavra escrita.

Mia Couto

* griot - termo africano que significa contador de histórias.

Dedicatória

Este livro dedico-o ao vento

*ao vento que tantas vezes se levantou em temporal e me escorraçou do mar
a esse vento que tantas vezes me trainu e levou o meu cheiro às manadas de búfalos
fazendo-as fugir em desatino
a esse mesmo vento que me abriu espaços por entre linhas de espumas e poeiradas
e me pediu para que eu escrevesse este desencontro de palavras*

*Agradeço-te, ó vento, mas peço-te também
para que na brisa desses teus braços sábios
leves o meu agradecimento não só por mares de rosas
mas também por entre espinhos de micaias
a todos que de muitas formas tão distintas
me deram amor e alento
para que eu viesse a conseguir realizar
mais um dos três tão nobres desejos do homem:
o de escrever um livro*

I

...meu amigo,
tu que deste cor ao céu
pintaste as flores e o mato
depois Tu meu Deus,
criaste os ventos, o movimento...
...a vida.

Foi... a vida, os animais, o Homem.

Foste Tu, meu amigo que de mim fizeste um animal racional, uma dádiva que de Ti veio para Te poder procurar e talvez nunca encontrar. Fizeste com que a banalidade da minha vida se tornasse fantástica perante os meus próprios olhos.

Tornaste-me num ser importante, considero-me o espelho da Tua imagem na Terra.

Eu me fiz o centro de todo o universo porque tu mistificaste-me a vida e deste-me uma alma, imaginação e eu aceitei o Teu mundo. Dei-te um nome, a Ti chamei-te Deus, Tu chamaste-me Adão. Dei o nome às pessoas e a tudo, procriei-me e vivi. Vivi sempre durante todo este tempo. Vivi a vida que do ventre de minha mãe me vi nascer.

Da pedra derivou o meu nome e com o vento veio a semente que me gerou.

Por isso sou Pedro Moia, filho de Manuel e Teresinha.

Manuel Jorge Figueiredo, um cantineiro, proprietário de um dos tantos estabelecimentos de comércio existentes por esse mato fora... Quem não o conhecia?

Seu tio Afonso tinha vindo para Moçambique no início dos anos 60, levado pela onda de colonos enviados para o desenvolvimento do vale do Limpopo, numa tentativa de o governo português vir a dificultar a progressão das forças de libertação nacional.

Faleceu pouco mais tarde, vítima de uma febre tifoide, tendo deixado como herança, a seus dois sobrinhos, um negócio montado.

Abrindo mão do mesmo, por se encontrar já lançado em Lourenço Marques, seu irmão mais velho mandou-o chamar para que tomasse conta duma cantina.

Para trás ficou todo um passado, por lá, para Trás-os-Montes, ficaram todos os seus amigos e familiares, ficou também Maria, sua mulher, à espera que melhores dias chegassem, que uma vez estabelecido, a mandaria chamar.

Uma nova vida esperava por Manuel. Tinha herdado de seu tio, não só uma cantina, mas também um sonho... num novo continente, África.

Lá de onde veio, as coisas também têm o seu encanto. A cada passo, no topo das montanhas, as fortalezas não deixam esquecer o passado de um povo trabalhador, de um povo heroico.

É na Europa que as estações do ano se definem, não só pelas condições climáticas, como também pelas distintas tonalidades. Com a paleta recheada de cores, a natureza pinta agora a terra com tons alegres. Terra, que durante tanto tempo adormecida, parece acordar com o desabrochar da primavera.

Entre as pedras, em cada fenda nasce uma flor, as trepadeiras sobem pelas paredes íngremes das serras e ribanceiras abaixo pendem cachos de flores como cascatas multicolores. O rigoroso inverno é finalmente quebrado...

Quando o verão espreita, a luz inspira a arte, os raios mornos aconchegam os tetos de telha queimada e beijam as cantoneiras floridas que ornamentam cada janela.

Depois vem o outono e veste a aldeia de tons secos, os castanheiros entristecidos deixam cair as folhas.

A neve começa a cair e tudo se apaga com as montanhas cobertas de branco que deslumbram com simplicidade. Como que cansada, a natureza acaba por se deixar envolver pelo inverno, despe-se, adormece, medita nos sonhos e cria outra nova paleta para recomeçar tudo.

Mas da cor, só o cinza ficou gravado no subconsciente de Manuel... as geadas das madrugadas, o granito das serras e as paredes frias do casebre onde morava.

Com os dedos grossos das mãos firmados na enxada, ganhava o sustento diário num trabalho árduo de sol a sol. Ao acordar, um cálice de aguardente dava-lhe o alento para o novo dia. Após sol-posto, aconchegava-lhe o corpo e a alma uma refeição, que pouco mais era que um denso caldo de legumes, capaz de prender a colher de sopa na oblíqua. Por lá a chamam de sopa da pedra. Para logo, que nem uma pedra, cair na cama até que o galo anunciasse o novo dia.

Mas eram essas mesmas mãos grosseiras de Manuel que descansavam agora a enxada e poisavam descontraídas no corrimão da amurada de um navio, que cortava as ondas frias do Atlântico.

Logo os dias passaram e a lua cheia refletiu-se no Índico. Semi-cerrou os olhos, o cinzento-chumbo se transformou na prata e na crista das ondas cintilava um imenso mar de diamantes.

Foi no continente negro que poisou o olhar... naquele lençol de cor e luz... luz que surgia púrpura e se esbatia aos poucos ao brilho da lua, luz que apagou definitivamente aquela visão descolorida, deixando que Manuel reparasse na diversidade das tonalidades fortes do nascer de uma nova vida.

O paquete cruzou oceanos, tempestades e bonanças, e depois de vinte e oito dias, em águas de Moçambique, parava ao largo da barra, em frente do arquipélago da Inhaca.

Espera que pouco durou, o piloto de alto-mar foi substituído pelo da barra que, de máquinas amansadas, cautelosamente fez zig-zaguear a embarcação pelo canal, por entre os bancos de areia.

Estava assim o *Príncipe Perfeito* a navegar mais uma vez nas águas da baía do Espírito Santo. O azul cristalino misturava-se aos poucos com os tons terra das águas barrentas da foz dos rios.

Ao longe... começava-se por avistar a terra firme do continente, adivinhava-se o recorte dos montes da barreira vermelha e ainda a definição cada vez mais exata dos edifícios de uma cidade – a Pérola do Índico.

Depois eram os xitatarros dos pescadores nativos que se afastam para as bordas do paquete que, vindo da Metrópole, contornava terra pela primeira vez a estibordo.

Com uma cadência lenta, já muito perto do porto, apitou três vezes, saudando a colónia e, despedindo-se de mais uma missão cumprida, descansou finalmente as máquinas, deixando que um rebocador o atracasse ao cais da cidade de Lourenço Marques.

À janela do convés, Manuel, meio pasmado, percorreu com os olhos a multidão de gente, banda, serpentinas e todo um clima de festa. África!? Espantado, questionava-se.

Era o reverso da moeda, na terra das florestas e das feras, onde quase se andava nu, estava ali perante si implantada aquela contrastante civilização.

Fechou-lhe a boca a voz do irmão que o acordou da pasmaceira: – Manel! Oh Manel! Que fazes tu aí com o navio ao pescoço?

– Arre porra! – exclamou Manuel, pondo em seguida a mão à frente da boca, olhando envergonhado para os vizinhos que

o ladeavam em situação idêntica. – Apanhaste-me de surpresa – acrescentou depois mais recomposto.

– Desce daí, ó mano!

A escada foi lançada e em breve os irmãos abraçavam-se saudosos e atropelavam-se mutuamente com palavras, perguntas, afirmações, exclamações...

Uma semana mais tarde, chegou o espírito de Manuel e juntou-se-lhe ao corpo. Aí, os dois irmãos dialogaram mais pausadamente, definiram posições e conversaram sobre a herança.

Nos sempre longos dias de África sobrava tempo para tudo, mas mesmo assim, a ânsia de conhecer a nova vida fez com que Manuel se precipitasse quase confundindo o abraço da chegada com o acenar do adeus à janela do comboio em movimento. Os solavancos das rodas de ferro nos carris substituíam o balouçar das ondas e logo a majestosa estação dos caminhos de ferro de Lourenço Marques ficava para trás. África se tornava logo mais África em tão poucos quilómetros percorridos.

Podia a cidade ser comparada com um purgatório, para quem fosse para o inferno, ou de lá viesse, tudo dependia simplesmente dos valores considerados pelo viajante.

Agora eram de facto os raios de sol que queimavam e não as geadas. Os castanheiros davam também lugar aos cajueiros, e as palhotas de caniço e capim substituíam as casas de pedra e telha dos penedos transmontanos.

A noite caía e o comboio, afastado definitivamente da cidade, parava quase de hora a hora. Manuel espreitava sempre, punha a cabeça fora da janela e olhava em redor... Nada, só mato e um pequeno apeadeiro. Minutos mais tarde, uns solavancos e lá arrancava, entrando numa cadência a que se ia habituando. O sono pegou definitivamente nele e ia indo longe. Longe ia também o comboio, quando de repente bateram à sua porta.

– Patrão! Patrão! Chegámos...

A longa viagem que o trouxe à infinidade do mundo foi tão compacta que acordou assarapantado e respondeu:

– Hum!? Aonde? Aonde chegámos?

– Chegámos, patrão! Chegámos! – reafirmou o revisor impreciso. As rodas chiaram e momentos depois o comboio estacou. Manuel pegou a trouxa e saltou fora, olhando em volta.

– Bom, se cheguei! Cheguei aonde?! – questionou-se ainda, embora mais acordado, mas ainda pouco localizado.

Aquele dia acabava de nascer, a madrugada cheirava agora a África. Olhou de novo à sua volta e quando sentiu a força da imensidade daquela natureza selvática, vestiu-se de esperança.

Vestígios de civilização, apenas a linha férrea, uma cabanazinha de chapa de zinco canelado e uma placa onde se podia ler: Chicuala-cuala.

– Que nome! Deus abençoado – murmurou.

Tinha mesmo chegado. Era ali, naquele sítio nenhum que pretendia desenhar um pedaço do seu futuro.

Caminhando lentamente, aproximou-se de duas crianças maltrapilhas que por ali passavam e tentou estabelecer diálogo:

– Bom dia, moços. Podem informar-me em que direção fica a cantina do Sr. Afonso?

Os miúdos entreolharam-se, encolheram os ombros, riram e fugiram.

– Ó criaturas de Deus! – exclamou surpreso. – Que demais lhes terei dito eu? Ou será que não me entenderam?

Pegou na bagagem e tomou a direção duma área que lhe pareceu mais convicta. Convicção essa que não o desamparou e não tardou em dar de frente com a única casa de alvenaria ali existente, por certo a tal cantina. Por detrás, não assim tão longe, não deixou de reparar em meia dúzia de palhotas espalhadas num

O QUENTE ACONCHEGO DA MÃE NEGRA

descampado, onde as mamas, com rústicas vassouras feitas de ramos secos, varriam as folhas caídas durante a noite, deixando curiosos desenhos riscados na areia.

Sorriu, abanou ligeiramente a cabeça e refletiu: – São as minhas clientes.

Eram mesmo... e tudo estava ali no apeadeiro de Chicuala-cuala.